



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR**

RAQUEL CARDOSO DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NO COTIDIANO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA RIBEIRINHA.**

ABAETETUBA-PARÁ

2018

RAQUEL CARDOSO DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NO COTIDIANO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA RIBEIRINHA.**

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais - FAECS da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR, sob a orientação do Professor Esp. José Nazareno F. Silva.

ABAETETUBA-PARÁ

2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S719f Souza, Raquel Cardoso de.
A formação docente e seus reflexos no cotidiano da prática
ribeirinha / Raquel Cardoso de Souza. — 2018.
35 f. : il.

Orientador(a): Prof. Esp. José Nazareno Figueiredo E Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de
Pedagogia, Abaetetuba, 2018.

1. Memórias. 2. Educação. 3. Formação docente. 4. Prática
pedagógica ribeirinha. I. Título.

CDD 370

RAQUEL CARDOSO DE SOUZA

**A FORMAÇÃO DOCENTE E SEUS REFLEXOS NO COTIDIANO DA PRÁTICA
PEDAGÓGICA RIBEIRINHA.**

Trabalho acadêmico de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Educação e Ciências Sociais - FAECS da Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para a obtenção do grau em Licenciatura Plena em Pedagogia, ofertado pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica PARFOR.

Orientador: Professor Esp. José Nazareno Figueiredo e Silva.

Data de Aprovação: 02/05/2018

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Orientador

Professor Esp. José Nazareno Figueiredo e Silva.
Universidade Federal do Pará

Professora Esp. Alana Lilian da Silva
Universidade Federal do Pará

Professora Esp. Lucicleide Vieira de Sousa
Universidade Federal do Pará

DEDICATÓRIA

Este trabalho científico é dedicado às pessoas que sempre estiveram ao meu lado durante essa etapa da minha vida: Acompanhando-me, apoiando-me e principalmente acreditando em meu potencial. Ao meu esposo Luiz Paulo, aos meus filhos Nayara, Fernanda, Jorge Henrique, Marcus Vinícius e Rômulo, aos meus pais Marco Antonio e Maria de Fátima e a todos os meus irmãos. Saibam que vocês sempre serão especiais para mim. Amo todos vocês.

EPÍGRAFE

“O homem e o rio são dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional”.

(Tocantins, 1961, p.251)

AGRADECIMENTO

Dificuldades todo nós temos, a diferença é que uns assumem, outros disfarçam, há quem desista no caminho de lutar e outros lutam por ainda acreditar. Entretanto, o importante é saber que coisas boas acontecem quando acreditamos e não perdemos a fé.

E foi acreditando, que hoje Deus me possibilitou a oportunidade de agradecer por mais esta vitória.

Agradeço a todos os meus professores, que foram fundamentais por esta conquista, compartilhando a cada dia novos conhecimentos que se farão úteis em toda minha trajetória educacional.

Ao professor Nazareno Silva que não mediu esforços com a sua orientação e dedicação sendo muito importante nesse processo final de curso.

Aos meus colegas de turma que além de se tornarem amigos ensinaram-me a conviver com as diferenças.

Aos colegas da equipe dos seminários Betiana, Josias, Suely, Venício e Alice que foram as peças chaves de força, compromisso e superação.

Aos meus pais que contribuíram e acreditaram sendo os maiores responsáveis por minha educação

Aos meus familiares por me ajudarem de forma direta ou indiretamente nesta nova etapa de minha vida.

Ao meu esposo e filhos que sempre procuraram compreender a minha ausência e nunca mediram esforços pra me ajudar.

Obrigada a todos vocês por participarem desta vitória que não considero minha, mas nossa.

RESUMO

Para a elaboração do presente memorial foi necessário um compromisso sério e sincero em relação a minha trajetória de vida. Haja vista, que o mesmo enfatiza minhas memórias, as quais lembrar foi um dever necessário para que o mesmo pudesse ganhar forma para alicerçar sua construção. Nele enfatizo a autobiografia de uma professora que busca através do magistério encontrar a maneira concreta de contribuir para uma educação que realmente seja correta, voltando-se para a importância do programa PARFOR para a formação continuada. Observará o leitor que o primeiro capítulo faz uma retrospectiva dos acontecimentos que foram importantes no contexto educacional infantil chegando até a fase adulta e aos processos que me direcionaram para adentrar no processo educacional Universitário. Em virtude desse direcionamento, o segundo capítulo visa enfatizar minha docência e o motivo pelo qual me tornei professora, com destaque para os processos pelos quais tive que percorrer para continuar trilhando nesse caminho educacional. Por sua vez, o terceiro capítulo, faz uma abordagem a cerca da formação docente e seus benefícios que foram de suma importância para minha atuação profissional. No quarto e ultimo capítulo, procuro fazer uma relação do que aprendi no ensino acadêmico sem perder de vista a análise da prática pedagógica ribeirinha e o seu cotidiano.

Palavras-chave: Memórias, Educação, Formação docente. Prática pedagógica ribeirinha

ABSTRACT

For the preparation of this memorial, a serious and sincere commitment was necessary in relation to my life trajectory. This is emphasized in my memoirs, which I recalled was a necessary duty so that it could gain form to support its construction. In it I emphasize the autobiography of a teacher who seeks through the teaching profession to find the concrete way to contribute to an education that is really correct, turning to the importance of the PARFOR program for continuing education. The reader will note that the first chapter gives a retrospective of the events that were important in the educational context of children reaching adulthood and the processes that led me to enter the university educational process. By virtue of this direction, the second chapter aims to emphasize my teaching and the reason why I became a teacher, highlighting the processes that I had to go through in order to continue walking on this educational path. In turn, the third chapter, makes an approach to teacher training and its benefits that were of paramount importance to my professional performance. In the fourth and last chapter, I try to make a relation of what I learned in academic teaching without losing sight of the analysis of the pedagogical practice riverside and its daily life.

Keywords: Memories, Education, Teacher Training. Teaching practice Ribeirinha

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1-Retratos e memórias de uma vida ribeirinha.....	11
2-A docência em reflexão: Porque me tornei professora?.....	16
3-De que maneira minha formação docente pôde contribuir para a carreira de professora?.....	20
4-A prática pedagógica ribeirinha e o sucesso na aprendizagem.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Ao fazer um levantamento pessoal e recordar vários momentos, que foram necessários e decisivos para a utilização da coleta de dados, me vi diante do passado, e em consonância com as análises reflexivas e autobiográficas, foi possível elaborar este memorial.

O fato de uma pessoa, ao narrar sua trajetória de vida, buscar destacar situações consideradas por elas relevantes, suprir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer certos detalhes tem muitos significados e estas aparentes contradições podem ser exploradas com fins pedagógicos (HAGE S, 2010, p.8)

Início a narrativa autobiográfica a partir da minha infância, em que descrevo a escolarização para colocar-me nessa lembrança. Sobre este olhar de alto observação diz Thompson (1988), “Recordar a própria vida é fundamental para nosso sentimento de identidade; continuar lidando com essa lembrança pode fortalecer, ou recapturar a autoconfiança”.

Ao escrever sobre minha própria história de vida, nesse caminho de construção e de aprendizagem surge uma possibilidade de registro em que faço várias reflexões e descrevo sobre mim e minha ação no mundo como sujeito histórico e dinâmico, em que ao lembrar posso ter a oportunidade de escrever e de recuperar alguns acontecimentos vividos, embora existam falhas em minha memória, é possível fazer uma construção de leitura e sua resignificação, que será feito não somente por quem viveu e registrou os fatos e acontecimentos, mas também por quem a lerá.

Não tem em si poder transformador, mas em compensação, a metodologia de trabalho sobre a narrativa pode ser a oportunidade de transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo (JOSSO, 2004 p.56)

Nesse jogo entre o passado e o presente, vejo-me a protagonista de vários processos construídos desde a infância até os dias atuais, no qual sou levada a relatar os principais, aqueles que me trouxeram ao caminho da educação, fazendo da minha existência esta

constante busca por aprendizado, conhecimento e desse modo poder melhorar minha prática docente e compartilhar o saber com meus alunos. Para Josso,

As vivências constituem o tecido do nosso cotidiano. Nem sempre estas vivências ficam em nossa memória ou propiciam uma ocasião de aprender qualquer coisa recente que vai ficar, enquanto recurso novo, daqui para frente. Pode ser uma ideia nova, um comportamento novo, um saber-fazer num campo de atuação consigo mesmo, com os outros, em situações específicas. (2009; p.04)

É importante ressaltar que o ser humano não vive isolado, ou seja, ele constrói sua trajetória histórica e social, onde mostra que a sua maneira de ser e estar no mundo estão relacionadas com as condições contextuais e existenciais que marcam sua trajetória de vida e que essas vivências transformaram-se em aprendizagens que propiciam novas ideias que passaram a surgir durante todo esse processo de vivências e de experiências que são existenciais do cotidiano.

1-Retratos e memórias de uma vida ribeirinha.

Sou a segunda filha do casal Marco Antonio e Maria de Fátima, nasci no dia 29 de outubro de 1978 em Belém do Pará, porém cresci na cidade de Muaná. Meu nome é Raquel Cardoso de Souza. Minha trajetória de vida foi marcada com uma infância cheia de momentos difíceis, mas também por momentos bons e agradáveis que ao recordá-los trazem a tona recordações que me fazem exprimir sinceros sentimentos que ficaram guardados na memória, de esperanças e sonhos.

Comecei a estudar com seis anos, na Escola Ensino Fundamental Paula Francinett, localizada na cidade de Muaná, morávamos no sítio próximo da mesma. O ano era 1985, quando iniciei meus estudos.

Durante a infância e a adolescência tive problemas de aprendizagem, não era considerada uma aluna exemplar, mas havia possibilidades de aprendizagem que se rompiam dentro de mim. Naquela época não era muito fácil o método de aprendizagem. Ainda havia resquício do método de ensino tradicional e bancário, o que deixava muitos de nós sem condições psicológicas para que se concretizasse com mais transparências as aprendizagens.

Naquela época recordo que a educação tinha como foco os seguintes objetivos que eram manter a ordem e a disciplina, tínhamos que aprender a matemática ler e escrever e falar

corretamente, as meninas tinham que sentar de pernas trançadas ou bem juntinhas, os meninos por sua vez pouco falavam com as meninas e até as brincadeiras eram separadas, meninos para um lado e meninas para o outro, era tão contraditório aquilo que essa separação acabava criando uma exclusão entre os estudantes.

A hora do recreio era para isso, as professoras se uniam em uma grande roda e fazíamos as brincadeiras além da ciranda que eu gostava muito. Os meninos ficavam por conta dos professores com a bola ou corrida, cabo de guerra entre outras. Esse momento passava tão rápido que ficava sempre o gosto de quero mais.

Quando entrávamos de volta nas salas, ficávamos todos calados que parecia que não havia ninguém estudando dentro da mesma, de vez em quando ouvíamos a voz da professora que mais parecia um general e desse jeito tínhamos que aprender. Ela enchia o quadro e quando terminava já tinha a atividade que fazíamos lá mesmo na escola, porque depois ainda viria pela frente o bendito dever de casa. Só aprendi a ler com a ajuda de minha mãe porque de qualquer maneira a professora não deixava margens para que eu pudesse me expressar e também não tinha paciência.

Entretanto, havia outros problemas que me afetavam, tinha que suportar as surras que levava de meu pai, que eram freqüentes, na grande maioria surras sem motivo aparente, a não ser porque ele se irritava por qualquer coisa, sem contar sua arrogância e falta de paciência, tinha uma raiva desmedida que às vezes passava dos limites com todos em casa.

Além da dificuldade que eu tinha em aprender ler, sofria bullying, por ser moradora de sítio e trabalhar na olaria e entre outras coisas que os colegas e até os parentes falavam por se julgarem melhores que eu, só porque moravam na cidade. Por algum tempo suportei, porém, houve momentos em que tive que partir para a briga, chegando a ser suspensa da escola por dois dias porque estava usando a roupa de uniforme. Havia também outros fatores complicadores, como o acesso à escola ser muito complicado por conta das fortes correntezas, sol, chuvas e tempestades que enfrentava para chegar à cidade e assim poder garantir o direito de estudar. A condução para chegar à escola era um “casco” a remo e muitas vezes quando passavam barcos maiores, provocando enormes maresias que alagava nosso pequeno casco, com isso perdíamos nosso material escolar. Neste contexto, Lima (2013, p. 102) enfatiza que “O casco é utilizado de diferentes formas e em momentos diversos. Como meio de transporte escolar, para ir ao trabalho, para pescar, fazer passeio, caçar, e em outras atividades concretas desenvolvidas pelos ribeirinhos”.

A utilidade desse tipo de canoa é tão importante para quem vive em localidades ribeirinhas que ela serve para garantir o direito constitucional de ir e vir, pois em decorrência da malha hidrográfica que compõem nossa região torna-se essencial este ou outro meio de transporte similar para nosso deslocamento de um local para o outro, e muito embora as mudanças ocorridas durante esses anos nessa região, barcos e canoas ainda são muito utilizados no Marajó.

As recordações surgem e despontam para uma nova reflexão, em que posso lembrar que ainda na fase de minha adolescência além de remar, pegar sol, chuvas entre outros, houve uma época que jamais esquecerei, pois meu pai não teve condições de comprar nosso material escolar, isto ocorreu no ano de 1989 em que o Brasil era governado pelo ex-presidente José Sarney, e nesse momento o nosso país tinha inflações abusivas e descontroladas, o preço das coisas subiam de uma hora para outra, o que ocasionava um grande índice de pobreza na época. Afetando nossa família de tal maneira que meus três irmãos e eu ficamos impossibilitados de retornar para a escola, com graves problemas de ordem financeira, no bom e velho português, pela falta de dinheiro que fosse suficiente para comprar o almoço e garantir a janta, meus pais foram forçados a nos retirar da escola.

Eu iria fazer a quarta série, mas devido essa circunstância não freqüentei a escola. Também recorro que minha mãe ficou muito triste com toda essa situação, ela não concordava em nos deixar o ano inteiro sem estudar, já meu pai tentou amenizar a situação com palavras de consolo e pedindo um tempo para ver o que era possível resolver.

Mas, ele já estava ciente de que o melhor naquele momento era colocar toda a família para trabalhar na olaria, e assim, poder comprar o material escolar para o próximo ano. Ao contrário do que papai havia planejado as coisas não aconteceram como previsto e a situação ficou mais crítica, mas com muito esforço no ano seguinte, retornamos eu e meus irmãos a estudar. Ficamos muito alegres, pois era uma nova oportunidade para voltarmos à escola; estudar, reencontrar os colegas e conhecer outros.

Outro momento impactante foi quando passei para a quinta série ginásial, e ao mesmo tempo mudei de escola. Acreditei que quando fosse para outra escola seria melhor, porém não contava com a mudança impactante da educação infantil para a ginásial. A realidade era que agora tinha várias disciplinas, tinha que me desdobrar para que estudar matérias específicas, mas o que me prejudicou de fato foi encontrar os mesmos professores no Ginásio Escolar Ângelo Nascimento, agora cada um tinha duas ou três disciplinas. Encontrar o professor de

matemática com todo o seu material pedagógico foi um horror, mas o que eu podia fazer naquele momento era encarar a “fera” era como nos referíamos a ele. Neste sentido a crítica de Paulo Freire ao currículo dominante ou prática que ele abordou sobre “educação bancária” O professor ainda é um ser superior que ensina a ignorantes. Isto forma uma consciência bancária. O educando recebe passivamente os conhecimentos, tornando-se um depósito do educador. Educar-se para arquivar o que se deposita (FREIRE, 1983, p.38).

Naquela época, aprendi o português e a matemática, mas por outro lado, tínhamos pouca afetividade em relação professor – aluno. Era mínimo o número de professores com quem podíamos conversar. Poucos de fato davam importância para o que realmente sentíamos ou para o que fazíamos quando estávamos fora da escola.

Nos momentos em que não estava na escola, estava a trabalhar na olaria, logo pouco ou quase nada de tempo me restava para estudar em casa. A consequência dessa vida atarefada e atribulada era a perda da vivência da vida de criança, precisei arcar com tarefas e obrigações que me obrigaram a ter que chegar ao ponto de levar o caderno para o meio das prateleiras enquanto trabalhava na olaria para que desse modo não prejudicasse meu desempenho nas avaliações. Era assim que conseguia estudar para as provas, aquilo era desgastante para mim, mas não desistia de estudar, pois acreditava que podia aprender mais e sempre mais. Quanto a essas experiências das crianças com o trabalho, vejamos o que diz Arroyo (2007, p. 28) “O trabalho faz parte do universo cultural dos educandos desde a infância”.

Mas como relatei no início, também experimentei bons momentos ao longo dessa existência, em que usufruí enquanto criança de coisas que foram maravilhosas. Entre a vida de estudar e trabalhar, ainda encontrei tempo para as brincadeiras junto dos meus irmãos, isso acontecia todos os dias no sítio, lembro-me que jogava bola no campinho ao lado de casa, jogava queimada, jogava peteca, brincava de ser professora, poucas vezes brinquei de boneca e casinha gostava de competir com meus irmãos na canoa, escalava as árvores mais altas para pular no rio, pique esconde, pega-pega, tacobol, competia natação e muitas outras travessuras.

[...] as brincadeiras vividas pelos ribeirinhos se diferenciam das brincadeiras comuns da cidade urbana, principalmente pelo contexto e pelas regras. A floresta e o rio são elementos característicos da cidade ribeirinha constituindo-se no cenário fundamental para a realização da maioria das atividades (Pojo; Loureiro, 2011, p. 24).

Esses momentos foram edificantes e marcantes em minha vida, eu sempre gostei de rir e cantar, ficava alegre com qualquer coisa e sentia tristeza e raiva de repente, eu era a pessoa que queria que o tempo passasse logo, para que eu pudesse crescer e traçar minha própria vida, sempre fui livre por dentro, meu espírito é livre. Imaginava a liberdade agindo dentro de mim, livre para fazer as coisas sem ter medo de errar, dona de uma grande coragem que me levou a experimentar as coisas e optar pelo o que era melhor para mim.

Houve um tempo entre a infância e a adolescência em que cheguei a morar com minha avó e minhas tias, que residiam na cidade. Lá as coisas eram mais calmas e menos cansativas, embora tivesse que fazer os serviços domésticos. Mas continuei estudando e trabalhando, cheguei a evadir do colégio e por ultimo parei de estudar durante doze anos.

Constituí família em 1997 e logo tive a minha primeira filha que se chama Nayara, em 1999 tive a segunda que se chama Fernanda; em 2002 tive os gêmeos Jorge Henrique e Marcus Vinícius e em 2004 tive o meu filho caçula, de nome Rômulo. A maternidade tomou grande parte da minha vida, porém continuou viva em mim a esperança de voltar a estudar. Mas foi somente em 2008 após a separação com um dos meus ex-maridos que decidi que era hora de voltar a estudar.

Para recuperar o tempo perdido fui para a quarta etapa na EJA e consegui ser aprovada com boas notas. Era hora de enfrentar o Ensino Médio. Foi nesse momento que ergui a cabeça, tomei a mais certa decisão da minha vida: a de voltar a estudar, para tanto era preciso contar com a ajuda da minha família, para cuidar dos meus cinco filhos durante o período em que estivesse estudando. Minha rotina consistia em trabalhar durante o dia e estudar a noite. Precisei voltar a morar no sítio, e a fazer quase as mesmas coisas da adolescência e juventude. Porém com um agravante, voltava com cinco filhos que dependiam diretamente de mim.

Contudo, a vontade de vencer e dar a volta por cima foi maior que qualquer obstáculo, agora eu era a mulher que trabalhava fora para sustentar a família, a mãe que acalentava, cuidava dos filhos, que era ausente, porém na medida do possível presente; a filha que não tinha vergonha de pedir ajuda; a irmã que ria e sofria junto dos irmãos; a colega de turma que defendia seus trabalhos com garra para poder tirar boas notas, mas que não desistiu de sua decisão e que teve coragem e força para superar e vencer os obstáculos que a vida tentou impor.

Após quatro anos separada conheci meu atual esposo, Luiz Paulo com quem estou casada a seis anos. Luiz Paulo tornou-se um grande parceiro e não mede esforço em me

ajudar, incentivar e apoiar-me em meus estudos, que às vezes penso que se não tivesse ele ao meu lado talvez nem estivesse estudando.

2- A docência em reflexão: Porque me tornei professora?

A docência para alguns profissionais da educação configura-se como meio ou uma saída voltada para a ocupação profissional no meio social. Mas para outros profissionais é uma escolha pessoal. Diante disso deve ser considerada como um ponto chave na construção das reflexões acerca da docência formativa, que surgem diante de um cenário reflexivo e a partir de referenciais teóricos. Nesse capítulo apresentarei informações autobiográficas sobre a minha trajetória profissional e formativa em que posso ter o privilégio de vivenciar, após optar em tornar-me professora nos municípios de Muaná e Ponta de Pedras.

A autobiografia fala sobre a autobiografia; em que a mulher-professora fala sobre a mulher-professora. Nessa sala de espelhos, ao se procurar a docência, se encontrará a pesquisa; ao se procurar a autobiografia, se encontrará as histórias de vida; e, ao se procurar a mulher-professora, se encontrará suas/nossas representações, num exercício contínuo de busca e de reelaboração de si/de nós (BARBOSA e PASSEGI, 2006; p.04).

Ao concluir o Ensino Médio em 2011, uma chama de uma nova esperança ressurgiu, sabia que teria chance de arranjar um emprego para o sustento da família, mas isso não aconteceu de imediato. Continuei trabalhando como autônoma e o com o passar do tempo, surgiu a oportunidade para dar aula na Educação de Jovens e Adultos- EJA, pelo programa do governo federal conhecido como ALFA. Foi uma experiência gratificante e um momento importante para que eu pudesse conseguir uma vaga para trabalhar, mesmo ganhando uma bolsa do governo federal no valor de 200 reais (duzentos reais) por mês.

Eu sabia que aquele trabalho era voluntário, precisava ter um pouco de experiência para que eu pudesse realmente assumir uma sala de aula regular, então trabalhei dois anos e em 2013 deixei meu currículo na SEMEC (Secretaria Municipal de Educação e Cultura).

Fui chamada logo em seguida para assumir uma turma na Escola Municipal Hipólito Brito, localizada no Rio Paruru Miri, que fica próximo às margens da baía de Marajó, localidade onde moro atualmente. Quando estava no primeiro mês atuando em sala de aula houve a necessidade de fazer uma graduação, uma formação seria de grande valor já que se trata de requisito necessário ao educador a busca pela formação e o constante aperfeiçoamento

e conseqüente qualificação da sua prática educativa. Vejamos o que diz, Pimenta sobre o ser-fazer professor:

[...] a formação é, na verdade, auto-formação, uma vez que os professores reelaboram os saberes iniciais em confronto com suas experiências práticas, cotidianamente vivenciadas nos contextos escolares. É nesse confronto e num processo coletivo de troca de experiências e práticas que os professores vão construindo seus saberes como prático, ou seja, aquele que constantemente reflete na e sobre a prática (PIMENTA, 2002, p.29).

A autora argumenta que formação ajuda e transforma as práticas educativas em ações que faz a professora refletir e se auto avaliar sobre seu trabalho, com isso, fui em busca de uma graduação, queria ter um compromisso total com meus educandos e não medi esforços. Como enfatiza Nóvoa: “A identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (1992. P.16)

Em busca de aprender algo e levar conhecimentos para os estudantes de localidade ribeirinha é necessário para que ocorra um processo de conhecimento e aprendizagens. Haja vista, que há um conjunto de saberes do povo que já estão produzidos no contexto.

Para ser professora e atuar nessa localidade tive que me comprometer com meus estudos e voltar para a mesma levando novidades e principalmente querer fazer uma educação com função social que permita a todos uma reflexão voltada a construção de seus próprios direitos. “A profissão de professor como as demais, emerge em dado contexto e momentos históricos, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades adquirindo estatuto de legalidade” (PIMENTA, 2000, p. 18).

Em busca de graduação, mesmo estando sem condições financeiras para estudar em uma universidade particular tive o apoio de uma grande amiga e professora Maria Izabel, a mesma naquele momento me fez um empréstimo, que me possibilitou realizar minha inscrição na Faculdade de Santo Augusto- FAISA. Nela fui aprovada no curso de graduação em Educação Física. Ainda no mesmo ano, fiz minha inscrição no curso de pedagogia pelo programa do governo federal o PARFOR (Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica), um mês depois veio a notícia que fui contemplada.

Fiquei muito feliz com a notícia, pois acreditava que o curso de pedagogia agregaria conhecimento e por conseqüência, saberia como agir em relação às crianças. Embora estudando educação física, eu sentia que faltava algo que precisava descobrir para ser

preenchido e mesmo assim depois que descobri tantas coisas estudando pedagogia ainda fica a vontade de aprender mais. Não quero com isso dizer que não aprendi estudando educação física, muito pelo contrário! Foram conhecimentos que se somaram, que se unem para minha aprendizagem, e auxiliam muito na minha prática educativa. Acredito, para tanto que os saberes da docência me são favoráveis, até por que: “O uso desses saberes pelo professor implica, portanto, uma relação social, com esses mesmos saberes bem como com os grupos, instância e indivíduos que os produzem.” (TARDIF, 2002, p. 105).

Minha formatura ocorreu em 29, março de 2017 o dia de minha outorga foi celebrado com uma noite de festa sob forte emoção. Não há como não fazer uma reprise da vida, de tudo o que foi vivido até ali, vi meus esforços naquela noite se concretizando, afinal, era o dia da colação de grau. Comemorar com minha família foi ótimo.

Nesse período já estava fazendo a pós- graduação em Língua brasileira de sinais – LIBRAS, pela Faculdade de Educação Regional Serrana - FUNPAC com conclusão do curso em março de 2017, e em junho do mesmo ano iniciei fisiologia do exercício.

Hoje fica claro que todo esse esforço foi e está sendo um grande aprendizado para mim, pois consigo fazer o que eu sempre quis e o fato de seguir o rumo da educação e querer ser professora é para mim a realização de um sonho de criança. Desde a infância sempre quis ser professora, imaginava como seria chegar numa sala de aula e trabalhar as disciplinas, usar o diário de classe, fazer a chamada, dar as notas; interessante é que quando chegava a hora da saída da escola, aproximava-me da lousa e pegava todo o giz para levar para a casa. Quando tinha um tempo, depois que voltávamos do serviço, escrevia no tampo de uma porta, as vogais, as consoantes, os numerais, etc. sentia gosto em brincar de dar aula para meus irmãos (Fazer de conta que era professora), desse modo, “brincando” meus irmãos foram alfabetizados e já entraram na escola sabendo ler e escrever. O ser professor e o fazer docente era nato em mim. Fazia parte da minha natureza, aflorava de dentro de mim pedindo para transparecer.

Hoje gosto de estar em sala de aula, porque estudo, aprendo, ensino, posso fazer do meu trabalho algo que me transforma em um ser humano melhor, mais dócil, com capacidades de esclarecimentos, onde posso fazer reflexões, críticas e agir de maneira democrática e de acordo com minha própria atuação profissional.

Entretanto, o ser professor não é algo simples que vem com receita pronta de um fazer docente e sim aquilo que se constrói e reconstrói gradativamente, e em constante construção

onde existem as vivências e saberes inerentes que onde existe a convivência com várias pessoas que embora tenham pensamentos diferentes um dos outros se ajudam durante a formação; e ultrapassam expectativas, angústias, insegurança e medo, em relação a própria prática docente.

Aqui cito Freire,

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. (1996, p.54).

Neste sentido, enfatizo que ao participar de uma graduação em pedagogia conheci através dessa licenciatura um grande aporte teórico que embasa o meu trabalho docente e me ajuda com uma melhor postura em relação ao meu desempenho dentro da minha escola.

É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem forrar são ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE 1996, p.54).

Agora depende de mim, a responsabilidade de trabalhar de acordo com a aprendizagem obtida durante a formação e trabalhar conteúdos que realmente sirvam para a construção de saberes diferentes e para a aprendizagem dos educandos. Pois os mesmos detêm saberes próprios, cultura e direitos a educação. A construção se faz no diálogo e saberes e conhecimentos que não se limita apenas a prática e reflexão, mas tem principio fundamental de saberes e conhecimentos. Assim, “[...] a práxis, porém é a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” (FREIRE, 1983, p. 40). Neste sentido, faz-se necessário refletir sobre a prática e dessa maneira deixar que a prática seja libertadora e que tenha realmente valor.

Neste sentido, ressalta-se que a professora que hoje interage que participa e convive com esses estudantes na área ribeirinha também aprendeu a lidar com o contexto e com a aflição deles na hora das avaliações que hoje são critérios que são feitos no dia a dia.

Contudo, ressalta-se que a formação enche de valores e corrobora para o enfrentamento de escolhas que podem unir-se a prática despontando-se assim, para um fazer docente, constituídos e vivenciados na Universidade respalda o professor em sua prática.

3-De que maneira minha formação docente pôde contribuir para a carreira de professora?

A docência é relevante para o processo da construção profissional, que se constituem com começo das investigações sobre a práxis e assim começam a surgir as respostas que são importantes para o fazer docente de acordo com as observações. Registrar a contribuição de minha formação docente traz para perto de mim, significados antes longe, desconhecido, que se esclareceram no dia a dia vivido no campus universitário. E que foram gratificantes por elencar um aporte teórico que enfatiza pensamentos sinceros e que me ajudam para um novo fazer docente.

O registro da memória docente constitui um instrumento inerente ao processo de formação, importante para a produção da memória, para a construção do conhecimento, para a promoção da autoria. Registrar a implica valorizar a trabalho docente, perceber sua especificidade, mostrar à sociedade. (LOPES, 2009, p.26)

Quando comecei a trabalhar não queria exercer o mesmo papel de meus professores, queria fazer diferente e dessa maneira fazer um bom trabalho, mostrar que uma professora tem a capacidade de usar sua autoridade sem o autoritarismo e fazer sua aula ser edificante compreensiva e cheia de aprendizagem. Entrei no Campus Universitário acreditando em um futuro melhor e busquei investir mais em mim, pois precisava ficar atenta as coisas que surgiam, aos encontros pedagógicos, as palestras, mini-cursos, no firme propósito de me valorizar enquanto formadora, dessa forma valorizar meu trabalho docente. É necessário que o próprio professor faça sua alto reflexão e busque meios para a sua valorização profissional.

Querer ser professora me faz acreditar em uma postura crítica e no dever de está sendo útil para a educação, logo imagino e penso que tenho que trabalhar para ajudar ao máximo as crianças que moram na localidade ribeirinha para que estas não se ausente de sua localidade ou fiquem sem estudar por falta de professora.

Então foi necessário que professores da localidade fizessem graduações e se fixassem na mesma para que professores da cidade se deslocassem para atuar na localidade, pois os profissionais muitas vezes acabavam atrapalhando. Abreu e et al enfatizam que:

Um grande entrave no trabalho educacional desenvolvido nas comunidades ribeirinhas, ainda é a falta de professores mais qualificados que sejam da própria localidade, pois o que muito se vê, são professores que se deslocam das cidades para atuarem nas ilhas, mas estes, por sua vez, desconhecem a realidade e a vivencia desses sujeitos e, na medida do possível tentam fazer um bom trabalho, contribuem de forma, mas logo que conseguem transferência, deixam seus alunos e estes precisam se adaptar novamente a outros docentes e isso atrapalha no aprendizado dos mesmos. (2013, p. 15)

O compromisso do professor é contribuir com a educação dos estudantes em um ato pedagógico que não ocasionem nos mesmo desanimo, ocasionando o não retorno a escola, mas que encontre soluções que são importantes para a consolidação de novas aprendizagens dentro e fora da sala de aula e o que perpassa é de suma importância para as crianças que acolhem o ensinamento, por isso a prática deve ser sempre educativa dentro ou fora do espaço pedagógico. É por isso que autores como (FREIRE, 1986; PIMENTA,2005; GADOTI, 2007] concordam com uma formação docente na qual a prática, necessariamente fazem parte. “Assim a docência se torna uma ação pedagógica que contempla projetos e necessidades além da docência em si, ultrapassando, por exemplo, os limites da sala de aula”.

Percebo os vários suportes pedagógicos existentes e um currículo diferenciado que beneficia na escolarização dos mesmos, posso ver que houve uma grande mudança de pensamento de minha parte, procuro auxiliá-los com o que é existente e cultural da localidade para então dar ênfase no trabalho global que envolve também elementos culturais, políticos e sociais. A escola de hoje deve ser acolhedora e marcante na vida da criança, para que a mesma tenha o interesse em voltar para a sala da aula. Mas como fazer? É necessário ser alguém motivador para superar as expectativas dessas pequenas pessoas que se tornarão grandes ao se expressarem e com grande capacidade de socialização. (FREIRE, 1991) enfatiza que faz-se necessário que as escolas estejam preparadas para desenvolver um ato

educativo que possa, de fato, instigar uma formação cidadã aos alunos, de forma significativa e relevante.

Neste sentido, a formação docente tem uma contribuição relevante para a prática pedagógica, principalmente do campo, a mesma deve ter um significado de entusiasmo, é necessário que a pessoa se encontre em uma licenciatura e não apenas estudar por estudar é preciso ser sincero consigo e com o outro, tomar consciência que o papel do(a) professor(a) vai além de um simples transmissor(a) de conhecimentos, haja visto que por sua vez tem o compromisso de valorizar o conhecimento, a cultura, a cidadania e enfim o ser humano.

Embora existam várias dificuldades de se trabalhar na zona rural em especial as escolas ribeirinhas. Procuo participar das formações, para que não passe despercebidos os temas que estão na atualidade. Acredito que esse é um dos meios que podem auxiliar os estudantes em especial os das áreas ribeirinhas.

Compreendendo a realidade que se constrói a partir dos saberes científicos é fundamental para o percurso formativo do educador. Segundo Freire:

A reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blá- blá- blá e a prática, ativismo. Que me interessa agora, respeito, é alinhar e discutir alguns saberes fundamentais à prática educativa - crítica ou progressista e que, por isso mesmo devem ser conteúdos obrigatórios à organização programática da formação docente. Conteúdos cuja a compreensão, tão clara e tão lúcida quanto possível, deve ser elaborada na prática formadora. É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se com sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (1996, p.11).

Todavia, a reflexão crítica que faço sobre a minha experiência como discente e ao mesmo tempo docente se transformou, modificou completamente, tive um novo olhar, agora com respaldo teórico, minha prática pedagógica mudou, transformou-se para algo melhor e tudo porque me entreguei a minha própria vontade de me transformar em professora educadora e pesquisadora.

(...) é considerado fundamental ressaltar a importância do reconhecimento e valorização do saber docente no âmbito das práticas de formação continuada, de modo especial dos saberes da experiência, núcleo vital do saber docente é a partir do qual o professor dialoga com as disciplinas e os saberes curriculares. Os saberes da experiência se fundam num trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio... incorporam-se à vivência individual e

coletiva sob a forma de hábitos e de habilidades, de saber fazer e de saber ser (CANDAUI, 1997, p. 59).

Com a formação me transformei, compreendi o verdadeiro valor tornei-me mais humana, tive outra percepção da vida de meus alunos e até mesmo dos profissionais com quem trabalho. Pude entender como as coisas se comportam diante as relações de aprendizagem. Diante desse contexto, meu fazer docente hoje tem uma nova perspectiva do novo eu com o outro, e isso se deve a formação que em si é um grande conceito de perguntas e respostas que faz toda a diferença na vida acadêmica, profissional e pessoal.

Com isso, ressalto que estou como professora na Escola Raimundo Malato, localizada às margens do Rio Paruru Açú no Município de Ponta de Pedras, Ilha de Marajó. Onde procuro fazer um trabalho adequado e de acordo com a realidade local, minhas práticas hoje são fundamentadas com as teorias que muito foram vistas no curso de pedagogia. As quais contribuíram muito para que eu pudesse traçar minha trajetória profissional e me forjar professora, o que ocasionou um grande processo de interação que ocorre entre a educadora e os educandos e que são processos que levam a formação continuada que devo manter. A esse respeito Freire (1999), ressalta que: “É na inconclusão do ser, que sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente.” Neste sentido, acredito que a educação, não se dá sozinha, mas em conjunto, no espaço onde acontecem várias formas de aprendizagens entre educador (a) educandos.

Ao enfatizar a mesma, reconstruo e fortaleço os laços que me constituem professora em consonância com a vontade de aprender. “E construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e a aventura de espírito”... “A educação humana é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, técnicas, envolve frustrações, medos, desejos” (FREIRE, 1999, p.77 - 78). O professor deve assumir suas convicções, suas limitações a fim de superá-la.

Com ênfase e no limiar de um processo de formação que envolveu aprendizagens teóricas e que foram pertinentes para elencar saberes, sob um clima de respeito mútuo dos professores que partilharam seus conhecimentos durante o curso de graduação. “O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico” (FREIRE, 1999, p. 103).

Em busca do reconhecimento e pela autonomia autêntica deve se originar do crescimento profissional a partir de embasamentos formativos. Em relação à autonomia Freire (1999) afirma que “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É nesse sentido que a uma pedagogia da autonomia da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (FREIRE, 1999, p. 121).

Estudar pedagogia está sendo um processo favorável de intervenção em minha vida de muitos professores e ajuda na autonomia e no crescimento profissional que vai se constituindo durante o período formativo e através dos aspectos que envolve o amadurecimento servindo de elementos importantes no próprio desenvolvimento pessoal. A articulação teoria/prática, constituindo-se assim, num importante instrumento de atualização dos professores” (CANDAU, 1997, p. 85).

Candau ao enfatizar esse instrumento faz uma reflexão sobre esses elementos importantes que constituem o educador e seus aspectos formativos em um processo de procura pela própria formação, e diante de um desses processos é que muitos professores assim como eu, procuram uma graduação que lhes respaldem ao direito de lecionar e ajudem a melhorar suas práticas pedagógicas.

Neste sentido, ressalta-se a importância da qualificação profissional e a valorização do professor que em meios às transformações sociais, visa em sua prática pedagógica adentrar em novos conhecimentos que sejam importantes através da valorização e no respeito profissional.

A formação é algo que valoriza o profissional da educação e as políticas públicas devem garantir o acesso a todos os professores da rede pública o acesso a mesma, que precisam e esperam por uma oportunidade para adentrar as universidades públicas que muito beneficiarão para a aprendizagem e o desenvolvimento intelectual crítica.

Diante disso, é fato afirmar que professores qualificados e com formações continuadas, exercem um trabalho bem compreensivo e condizente as questões que envolvem o âmbito escolar, pois sua prática regulariza de acordo com o que é necessário para se fazer uma boa atuação pedagógica entre outros.

Todavia, a espera se torna longa e apreensiva e não existem vagas suficientes para que os professores da rede pública ingressem em uma universidade pública, fazendo com que muitos procurem o ensino particular para ter o acesso a uma licenciatura, o que ocorre em

todo o Brasil com frequência, visto que embora existam políticas públicas é importante ressaltar que não conseguem resolver esse papel fundamental que se chama educação pública. E é nessa estrutura organizacional que a educação vem se mantendo a passos lentos e segue com a esperança de transformação, essa transformação que pede valorização e tem anseios de novas formações, de fazer um novo papel educacional e com êxito nas práticas pedagógicas.

4-A prática pedagógica ribeirinha e o sucesso na aprendizagem.

Por via prazerosa, o homem da Amazônia percorre pacientemente as inúmeras curvas dos rios, ultrapassando a solidão de suas várzeas pouco povoadas e plenas de incontestáveis tonalidades de verdes, da linha do horizonte que parece confinar com o eterno, da grandeza que envolve o espírito numa sensação de estar diante de algo sublime. (João de Jesus Paes Loureiro)

Durante o percurso formativo tive a compreensão entre ser professora e atuar em área ribeirinha, nesse processo fui construindo saberes que voltados ao imenso leque de aprendizagens me fez refletir sobre minha própria atuação, e pude constatar que atuar em áreas ribeirinhas é um grande desafio para os professores e para os estudantes, o que não deixa de ser uma tarefa fácil mais é gratificante, diante da real circunstância que a envolve.

Neste contexto, ressalta-se a realidade ribeirinha que reserva surpresas, entre elas estão o fluxo dos rios com marés altas e as marés baixa mostrando os bancos de areias e as pedras, o vento e aquele temporal das quatro horas da tarde, as grandes maresias e o balanço do barco, o silencio local e barulho de motores rabudos para avisar que alguém vai passando no rio, os cascos com os matapis ou as redes de pesca, os pássaros que cantam nas árvores, o anoitecer e o amanhecer no sítio.

Em volta de uma riqueza cultural e diante de uma quantidade de rios, florestas é possível encontrar os sujeitos que contribuem para a riqueza da região. Os rios são importantes para o percurso até a escola, morar entre os rios e a floresta é muito importante para os saberes do povo ribeirinho e os ventos sinalizam o ritmo das ondas é através dele é possível saber se o mar vai ficar ou está agitado.

Segundo Tocantins:

(...) o homem e o rio são dois mais ativos agentes da geografia humana da Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o

rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional (Tocantins, 1961, p.251).

Diante desse cenário, logo é necessário prevenir o trajeto dos barcos até a escola. Pois quando o mar fica agitado torna-se muito difícil o trajeto para a escola e de volta para a casa. Comecei a aprender essas questões culturais com a convivência e observando como seguia o percurso cotidianamente. Embora sendo criada em área ribeirinha é importante ressaltar que as mesmas se diferenciam dependendo a sua localização geográfica.

A área onde resido, fica em frente à baía do Marajó pertence a Muaná, é quase fronteira com Ponta de Pedras o percurso que eu faço até a escola é de meia hora, no começo tive muitas dificuldades quando fui morar nessa localidade, pensei que não fosse me adaptar, mas devido a vontade de trabalhar e após conhecer o povo local fui ficando e hoje trabalho com vontade de ajudá-los estabelecendo sempre uma relação que seja amigável, com afetividade e compromisso.

Diante dessa realidade é importante ressaltar que a educação se faz com a proposta de um fazer docente que envolve a todos, principalmente os pais que hoje em dias procuram a educação para seus filhos e que a mesma seja bem esclarecida. Hoje reúnem-se para socializar sobre o processo escolar dos mesmos, para solicitar ou reivindicar por melhorias tanto na educação quanto a saúde entre outro, ou seja, são contribuintes de uma natureza própria de uma zona rural. Hage (2006 p.10) defende que a participação deve assumir uma feição dialógica, que inter-relacione saberes e intencionalidades [...] em prol de um processo educacional inter/multicultural, que oportunize a convivência e o diálogo. O autor enfatiza a importância desse diálogo que se fundamenta em questões importantes e necessárias que contribuem para a predominância cultural. [...] todos, sem exceção: professores, estudantes, pais e mães, representantes das comunidades e de movimentos e organizações sociais, podem devem envolver-se na construção das políticas e práticas curriculares para a região. (HAGE, 2006, p.10).

Ressalta-se que a prática pedagógica ribeirinha, tem um diferencial mediante a sua localização, ao espaço, ao tempo e tudo é um acontecimento frequente da localidade, que chama atenção do(a) professor(a) direto em sua prática pedagógica ao fazer uma articulação referente ao currículo. Mediante a isso que Silva J. descreve:

As escolas ribeirinhas, enquanto componentes da realidade educacional do Estado do Pará, são comumente tratadas sob o discurso generalizado da Educação Rural, invocando uma univocidade que passa ao largo das especificidades de que se pode abrigar a educação que acontece fora do contexto urbano, ocultando um modo de ser peculiar da escolarização, vivenciada. (1993, p. 15)

A percepção do professor ribeirinho mediante a atual da realidade é diferenciada e exige uma postura também diferenciada, pois a vivência e a ação pedagógica é desafiadora diante das realidades que são encontradas no contexto inserido.

O educador ribeirinho possui em seu entorno uma grande diversidade de elementos naturais que são ricos em conhecimentos e que podem contribuir na sua prática de sala de aula bem como a própria vivência local: costumes, hábitos, entre outros. E ele bem conhece todas essas coisas, pois sempre se virou com o que tinha mais próximo e durante anos sustentou a educação de seus alunos, foi e ainda continua sendo um guerreiro. ABREU, OLIVEIRA E SILVA 2013, p. 14).

Esse é o motivo que move o (a) professor (a) pesquisador(a), acreditar na educação me faz, interligar uma rede de conhecimentos que facilitem o processo de ensino aprendizagem a todos os alunos, mesmo que uns aprendam mais rápido e outros mais lentos mais é importante que todos possam ter a compreensão e o significado do que lhes são transmitidos.

Diante disso, enfatizo que trabalhar na escola ribeirinha é um aprendizado a todo dia é levar conhecimentos e ao mesmo tempo aprender e acreditar no potencial de cada estudante, embora diante de muitas dificuldades que enfrentamos, acreditamos que o melhor caminho é a educação.

A prática educativa e pedagógica deve assumir em relevância do ambiente escolar o aprendizado acessível a comunidade que por sua vez deve-se comprometer com a formação do indivíduo independente se ele for da zona urbana ou rural o importante que seja importante para o desenvolvimento social. HAGE (2006, p. 11-12), “[...] os rumos da região, do país e do mundo e de forma autônoma e emancipatória, seja unilateral, exercida ininterruptamente nas várias dimensões do desenvolvimento humano, de modo a tomar em conta diferentes limites e possibilidades[...].”

Essas possibilidades e limites são influências que a sociedade destaca de seu próprio lugar onde há conhecimentos específicos e acumulados contribuindo para o registro de identidades culturais locais. Hage (2006, p.6) “com as múltiplas atividades desenvolvidas pelas populações do campo”, ou seja, essas populações sustentam-se “ nos saberes sobre o tempo, as marés os igarapés, a terra, a mata, [...], para explicar suas práticas sociais, técnicas e racionalidade produtiva” (CASTRO,1999, p.36).

E essas identidades em parceria com o fazer docente aguça para sucesso da aprendizagem que acontece quando a educação se faz com parcerias, com o compromisso e com que a formação do professor de forma sincera sendo repassada com seriedade, pois não basta apenas esta no papel, mas é preciso estar nas atitudes apresentadas pelo professor. Uma escola não trabalha com aparências mais, com as atitudes da gestão juntamente com todos os envolvidos na mesma, a compreensão, o respeito, a autonomia e a democracia escolar devem estar no mesmo pacote para que realmente aconteça o sucesso na aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre minha trajetória foi um tanto inusitado eu que jamais pensei que um dia ia escrever alguma coisa sobre mim, mas achei interessante porque narrar sobre alguns acontecimentos de minha vida, reportando-me ao passado é como viajar em uma máquina do

tempo para trazer no presente minha vivência e sobre elas refletir essa trajetória fantástica que é a vida.

Querer aprender é algo que está no ser humano e diante dessa força de vontade em querer sair em busca de conhecimentos é que procurei fazer todo o esforço possível em estudar e a ingressar à universidade encontrei uma riqueza interessante que contribui em minha aprendizagem e para o meu fazer do docente. Poder dar ênfase ao trabalho pedagógico ribeirinho me enche de aprendizagens que contribui para a continuidade de meu trabalho educacional, e poder enfatizar a educação ribeirinha em meu trabalho científico e tão importante para aguçar meu pensamento sobre o fazer docente e contemplar a realidade que me faz feliz e que me move para a educação.

Compreender que o campo é um território, que requer uma reflexão voltada para a sua diversidade cultural, histórica e cheia de vivências é importante ressaltar que se faz histórias e educação em volta a sua especificidade. E com o propósito de fazer a diferença em que pude enfrentar os medos e me dispus a fazer um mar de aprendizagens na própria localidade e no Campus.

Em virtude de uma proposta de ensino, melhor para professores e o educandos, deixo transparecer a imensa alegria que sinto, em poder compartilhar metodologias atuais que estão frequentes no dia-a-dia, que agora entendo, devido as melhores experiências as quais vivenciei na universidade.

Ao enfatizar minha metodologia crio um laço forte de compromisso onde posso realizar as mudanças necessárias que uma boa educação precisa, com o intuito de poder dar uma nova roupagem à educação. E com esse manancial de conhecimentos, me propus adquirir ferramentas necessárias para proporcionar uma melhor educação aos alunos trazendo questões relevantes para situá-los as diversas situações que envolva a construção social.

Diante de tudo o que ocorreu e foi vivenciado no processo formativo, constatou-se uma aprendizagem que embora em tempo intervalar, foram bem adequadas e bastantes primordiais para a obtenção de questionamentos sobre o próprio fazer docente. E assim por sua vez, levou a prática da reflexão e da dialogicidade sobre o que fazer e como fazer, para não ser meramente alguém que não se possibilita e nem leva a sério a educação. “Num pensar dialético, ação e mundo, mundo e ação estão intimamente solidários. Mas a ação é humana quando, mais que um puro fazer, é um quefazer, isto é, quando também não se dicotomiza da reflexão” (FREIRE 1987, p.40).

Todavia, quando fui inserida nessa rede de formação, fiz o máximo para não deixar de fora os conhecimentos que foram apresentados em sala de aula. Era importante valorizar e acreditar nesse programa que veio para nos beneficiar. E hoje mesmo estando finalizando o curso de pedagogia, vejo a grande necessidade de formação que muitos colegas professores precisam e com esperança e anseios aguardam por uma vaga para assim adentrar a Universidade.

Neste sentido, quando enfatizo a educação do campo e por sua vez ribeirinha posso falar desse processo que chegou até essas localidades através de professores que possuem licenciaturas através do PARFOR. Isso significa que o mesmo ajuda no processo de aprendizagem, e nesse processo as descobertas que aprendi dentro da academia, me fizeram acreditar que é possível cada um de nós mudarmos a nossa concepção de que a educação não tem jeito. Todavia percebe-se que uma atitude faz toda a diferença, basta acreditarmos.

Freqüentar universidade foi para mim o melhor caminho na construção de uma nova maneira de ver e estar no mundo, pois me possibilitou uma infinidade de novos saberes que até então não havia tido. E assim tive a oportunidade de mergulhar de cabeça nas pesquisas, para melhor atender os meus alunos. Assim sendo percebo que a Universidade é mais um salto que está se concretizando com muitas expectativas no caminho que pretendo trilhar, pois só através dela é que tive essa grande oportunidade de sonhar, viajar e muitas vezes me decepcionar, mas principalmente foi onde tive a chance de construir a cada novo momento um olhar próprio sobre às coisas. Ela me fez aprofundar e conhecer-me nas questões que estão ligadas à educação dando-me oportunidade de ampliar meus conhecimentos, outro ponto de vista é a teoria que por si só não transforma o mundo, mas tem uma parcela que contribui para que aconteça a sua assimilação e transformação diante dos quais irão fazer uso dela em atos efetivos e reais.

Diante disso, faz-se necessários os conhecimentos construídos que possam ser instrumentos de indagação e reflexão, que façam dos educadores pessoas com atitudes de mudanças e não aqueles que possam alienar-se, que tenham o propósito de atuar na mudança da realidade atual, e enriquecer a sua prática metodológica.

Contudo, a escrita autobiográfica deixou-me convicta de novas perspectivas de vida, fazendo-me acreditar em uma educação de qualidade, no protagonista deste sonho, pois hoje me sinto mais amadurecida intelectualmente e com muita coragem e determinação para

chegar a qualquer espaço educativo e poder fazer um trabalho que ajude tanto a nível pessoal, quanto social.

REFERÊNCIAS

ABREU, Waldir Ferreira de, 1966- **Educação ribeirinha: saberes, vivências e formação no campo**. ABREU, Waldir Ferreira de, Damião Bezerra Oliveira, Érbio dos Santos Silva (Orgs.). 2ª Ed. GEPEIF- UFPA, Belém, 2013.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Indagações sobre o currículo: educandos e educadores seus direitos e o currículo.** Brasília. Ministério da Educação Básica, 2007.

BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Sua vida, nossa história. Pesquisa-ação e escrita autobiográfica na formação das representações**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como cultura.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.

CANDAU, Vera Maria (Org.) **Magistério: construção cotidiana.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CASTRO, Edna R. **Tradição e modernidade: a propósito de processo de trabalho na Amazônia.** Novos Cadernos no núcleo de Altos Estudos Avançados da Amazônia (NAEA). Vol. 2, nº 1- Julhobde1999.

FREIRE, Paulo.SCHOR, Isa. **Medo e ousadia: O cotidiano do professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. **A Escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar.** São Paulo: Publisher, 2007.

HAGE, Maria do Socorro Castro. **Narrativas de histórias de vida dos professores.** Texto extraído da tese de doutoramento denominada “A formação de professores a partir de suas narrativas de vida: estudo de uma experiência em Belém do Pará”. PUC/SP, 2010.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Por uma educação do campo na Amazônia: currículo e diversidade cultural em debate.** In: CORRÊA, Paulo Sérgio Almeida (Org.). A educação, o currículo e a formação de professores. Belém: EDUFPA, 2006.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, Apud. ABREU, Waldir Ferreira de,1966- **Educação ribeirinha: saberes, vivências e formação no campo/** ABREU, Waldir Ferreira de, Damião Bezerra Oliveira, Érbio dos Santos Silva (Orgs.). 2ª Ed. GEPEIF- UFPA, Belém, 2013.

LOPES, Amanda Cristina Teagno. **Educação Infantil e registros de práticas.** São Paulo: Cortez, 2009. – (Coleção docência em formação Série educação infantil).

NÓVOA, Antonio – (Org.) **Vida de Professores.** Porto: Porto Ed., 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente** (org.) São Paulo: Cortez, 2000.

POJO, Edson; LOUREIRO, João Paulo. **Lazer na ilha do Combu. Monografia de graduação** – UFPA: Belém, 2011.

TARDIF, Maurice. **Sabres docentes e formação profissional**. Petrópolis- RJ. Vozes, 2002.

THOMPSON, P. **La voz del pasado. Historia oral**. Valencia: Alfons el Magnànim. 1988.